

MODELOS DE EXTENSÃO REPRESENTATIVOS DO DIFUSIONISMO, DIALOGISMO E TRANSFERENCISMO NA AMÉRICA LATINA

Crisvalter Rogério de Araújo Medeiros - IFPB

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de identificar os modelos de extensão mais convergentes com as dimensões do difusionismo, dialogismo e transferencismo, dentre aqueles que são adotados nas universidades da América Latina, a partir de uma pesquisa exploratória realizada na base de dados *Sistema de Información Científica Redalyc*. O trabalho aborda a gênese da extensão universitária na Europa e a sua disseminação para outros continentes, apresentando os diversos modelos de extensão identificados nas instituições de educação superior da América Latina, comparando-os, entre si, e com as dimensões da extensão dialógica concebida por Paulo Freire (2013), e com os marcos conceituais dos contextos latino-americanos da extensão, através de uma metodologia comparativa (Quivy e Campenhoudt, 1995). Conclui-se que o modelo de extensão crítica (Tommasino e Cano (2016) representa os demais modelos de extensão de características dialógicas; o modelo de divulgação cultural e científica (Menéndez, 2017), representa o difusionismo acadêmico; sendo que os modelos voltados à vinculação empresarial são representados pelo de serviços a terceiros e inovação e transferência de tecnologia.

Palavras-chave: extensão universitária; modelos de extensão; América Latina.

Abstract: This work aims to identify the most convergent extension models with the dimensions of diffusionism, dialogism and transference, among those adopted in Latin American universities, based on an exploratory research carried out in the *Sistema de Información Científica Redalyc* database. The work addresses the genesis of university extension in Europe and its dissemination to other continents, presenting the different extension models identified in higher education institutions in Latin America, comparing them, among themselves, and with the dimensions of dialogic extension conceived by Paulo Freire (2013), and with the conceptual frameworks of the Latin American extension contexts, through a comparative methodology (Quivy and Campenhoudt, 1995). It is concluded that the critical extension model (Tommasino and Cano (2016) represents the other models of extension of dialogical characteristics; the cultural and scientific dissemination model (Menéndez, 2017), represents academic diffusionism; and the models aimed at business linkages are represented by services to third parties and innovation and technology transfer.

Keywords: university extension; extension models; Latin America.

1 INTRODUÇÃO

A extensão universitária teve início na Universidade de Berlim, Alemanha, em 1810, sendo disseminada, posteriormente, para outras instituições europeias. O desenvolvimento das atividades entendidas como extensão universitária educacional se consolidou nas Universidades de Cambridge e Oxford. Após o advento da revolução industrial, houve uma grande pressão

pela formação técnica nos países da Europa. Nesse contexto, foi implantado o primeiro Colégio para a classe trabalhadora, em Sheffield, Inglaterra, em 1842, com a função de educar e capacitar as comunidades. Mas, apesar destes esforços pontuais, só a partir do século XX aconteceram as iniciativas entendidas, efetivamente, como extensão ou vinculação das Universidade com a sociedade (ELISEO D'ANDREA, JULIÁN DE ZUBIRÍA e SASTRE VÁZQUEZ, 2012).

Após a disseminação da extensão universitária educacional pelos países da Europa, a iniciativa chegou aos Estados Unidos, no século XX, despertando um forte interesse pela popularização da cultura acadêmica. Nesse período, surgiu a Lei Smith-Lever, (1914) que permitiu às faculdades a realização de empreendimentos extensionistas nas áreas agrícola e de economia doméstica em parceria com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, projeto embrião do “Land Grant Colleges”, uma das principais correntes da extensão nos Estados Unidos.

Posteriormente, a extensão educacional na América do Norte assumiu um perfil de empreendedorismo com a implantação do modelo de prestação de serviços. Edineide Jezine, (2001) enfatiza o papel que teve a Universidade Johns Hopkins para o surgimento e evolução do referido modelo de extensão, destacando que essa concepção surgiu da ideia de multiversidade sustentada nas ações da pós-graduação, da formação profissional, da pesquisa e do movimento de doação de terras para fins educacionais, feito pelo governo Abraham Lincoln. Conforme Cochran *et al.* (2012), a extensão nos Estados Unidos está voltada, cada vez mais, ao enfrentamento, pelo viés da profissionalização, dos desafios impostos pelas condições sociais, ambientais e econômica vigentes; estes problemas, conforme o referido pesquisador, estão ficando mais complexos em todos os países do mundo, e produzem fatores externos que afetam a capacidade da extensão universitária cumprir a sua missão.

Este trabalho tem o objetivo de identificar os modelos de extensão mais representativos do difusionismo, dialogismo e transferencismo, dentre aqueles que são adotados nas universidades da América Latina, que foram identificados a partir de uma pesquisa exploratória realizada na base de dados Sistema de Información Científica Redalyc.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA LATINA

A extensão universitária na América Latina surgiu na Universidade de La Plata, no início do Século XX, a partir de um intercâmbio realizado com a Universidade de Oviedo, na Espanha, pelo professor Rafael Altamira. Essas primeiras iniciativas foram as grandes inspiradoras do movimento de Córdoba, em 1918, que se tornou um marco histórico da extensão universitária na América Latina (STEIN, 2018).

O movimento de Córdoba pretendia ampliar o acesso das camadas populares à educação superior, inspirado no movimento da extensão nas Universidades europeias. Conforme Ortiz-Riaga e Morales-Rubiano (2011), o referido movimento de Córdoba tinha o objetivo de abrir o acesso da educação superior às classes populares, superando o elitismo dessas instituições e tornando-as populares, com a peculiaridade de ser um movimento que surgiu do protagonismo estudantil.

2.2 MARCOS HISTÓRICOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA LATINA

Conforme Nogueira (2020), o Primeiro Congresso de Universidades Latino-Americanas, na Guatemala, em 1949, foi um marco importante para a conceituação da extensão e a sua institucionalidade na América Latina. No referido congresso foi aprovada uma resolução sobre o conceito de Universidade que propôs a inclusão da extensão em todas as instituições de educação superior, com objetivo de realizar trabalhos que promovessem todos os setores da sociedade elevando, desta forma, a realidade nacional. Conforme Bernheim (2000), o referido congresso definiu que “A extensão universitária deve abarcar o campo do conhecimento científico, literário e artístico, utilizando todos os recursos que a técnica contemporânea permitir colocar ao serviço da cultura” (BERNHEIM, 2000, p. 4).

A partir da criação da União das Universidades da América Latina, criada em 1949, foram realizadas duas conferências latino-americanas de “Difusão Cultural e Extensão Universitária”, a primeira em 1957 e outra em 1972. Na primeira conferência, foi aprovado um conceito de extensão que atribui à extensão universitária a responsabilidade pela resolução de grandes problemas sociais. O referido conceito destacava que:

Assim entendida, a missão da extensão universitária é projetar, da forma mais ampla possível e em todas as esferas da nação, o conhecimento, os estudos e as pesquisas da Universidade, para permitir que todos

Revista Práxis: Saberes da Extensão, João Pessoa, vol. 10, n.21, p.12-30, dez. 2022.

participem da cultura universitária, contribuindo para o desenvolvimento social e elevação do nível espiritual, moral, intelectual e técnico do povo". (BERNHEIM, 2000, p. 4)

Em 1972 foi realizado outro evento que é considerado um marco na consolidação do conceito de extensão e sua institucionalização nas Universidades da região: a II Conferência Latino-Americana de Difusão Cultural e Extensão Universitária, que aprovou o seguinte conceito de extensão universitária: "Extensão universitária é a interação entre a Universidade e os demais componentes do corpo social, por meio de que assume e cumpre o seu compromisso de participar no processo social de criação da cultura e da libertação e transformação radical da comunidade nacional". (BERNHEIM, 2000, p. 4)

Nogueira (2020) destaca a contribuição intelectual de dois grandes educadores latino-americanos nos processos de conceituação da extensão universitária, Paulo Freire, no Brasil; e o peruano Augusto Salazar Bondy. Freire, na sua obra "Extensão ou Comunicação" questionou o valor da extensão como transferência de conhecimento de um segmento que se considera superior, para outro cujo papel seria apenas de receptáculo desse conhecimento, sem gerar uma relação de interação dialógica (FREIRE, 2013).

Para o referido educador, essa situação seria superada com a comunicação dialógica identificada com a teoria da educação para a libertação elaborada por ele. Na perspectiva da comunicação dialógica, a extensão deve ser ação produzida junta, de forma interativa e dialógica. A teoria de Freire é que a extensão, nos moldes das práticas tradicionais, era um processo de invasão cultura. Como analisa Nogueira (2020):

O educador reflete sobre os erros que a extensão da palavra pode gerar. O primeiro é o seu significado como ação de extensão. Estender algo a alguém. O sujeito ativo - que estende - escolhe o conteúdo que será estendido a quem recebe passivamente, em condição de inferioridade. Nesse sentido, a palavra carrega a ideia de poder, transmissão, superioridade, entrega, messianismo e, ainda, a ideia de um movimento unilateral, de um caminho único, da Universidade à sociedade (NOGUEIRA, 2020, p. 27).

Salazar Bondy, em seu ensaio "Dominação e Extensão Universitária", ao analisar as relações de dominação nos sistemas educacionais e na Universidade, pelo viés da colonização, entende que as relações de dominação, entre colonizadores e colonizados, seriam mediadas pelo saber, ou pelo conhecimento, que é considerado superior e oriundo de ciências e tecnologias importadas - de outras culturas - e da reprodução e imitação do pensamento hegemônico, também de outras culturas Nogueira (2020), baseada em Bondy (1972), afirma que:

A Universidade decide e dá, e a comunidade recebe e executa. A Universidade se comporta como a instituição superior que reflete uma forma elevada de cultura e vida, enquanto o destinatário, a comunidade como um todo ou o povo em particular, representa a inferioridade ou a falta de cultura e de

vida. Isso inevitavelmente define um vínculo de dominação entre a Universidade e a comunidade (BONDY, 1972, p. 13) (NOGUEIRA, 2020, p. 28-29).

No Brasil, as ações da extensão como forma de difundir a cultura universitária, também conhecida como extensão assistencialista, existe desde os primórdios do ensino superior no País, com a experiência da Universidade Livre de São Paulo. Os marcos legais da extensão universitária no Brasil podem ser identificados em dois momentos históricos: antes e depois da Constituição de 1988. Na referida constituição, o artigo 207, contempla a indissociabilidade do ensino da pesquisa e da extensão.

Ferreira (2019) aponta as primeiras tentativas de se racionalizar as políticas de extensão no Brasil com a aprovação do primeiro “Estatuto da Universidade Brasileira”, que foi aprovado através do decreto federal nº 19.851/1931, estabelecendo a importância de ações relacionadas à resolução de problemas sociais com a participação das Universidades (FERREIRA, 2019; LAMY, 2013).

O período entre 1950 até 1967 foi marcado pela articulação dos movimentos sociais em torno da extensão universitária, alguns liderados pelo Educador Paulo Freire. É deste período os grandes projetos na área: o Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária – Crutac; e o Projeto Rondon. As referidas iniciativas foram realizados em instituições fora da Universidade com a parceria de estudantes universitários, sendo o voluntarismo as suas principais características (LAMY, 2013; SERRANO, 2013).

Em 1968, foi promulgação da Lei Básica da Reforma Universitária (Lei n. 5.540/68), através da qual instituiu-se a extensão universitária obrigatória. Os artigos 20-40, da referida Lei, estabeleceram normas para que os alunos tivessem oportunidades de participar de atividades de extensão visando melhorar a qualidade de vida da população, melhorando também o desenvolvimento das comunidades (FERREIRA, 2019; LAMY, 2013; NOGUEIRA, 2001).

O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Brasileiras (Forproex), teve um papel essencial na implementação da política Nacional de Extensão Universitária como orientação estrutural das ações da extensão no âmbito das Universidades do País. Com a aprovação, em 2017, no Conselho Nacional de Educação (CNE), das Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira, a política de extensão entrou numa fase de mobilização de toda a comunidade acadêmica do país, com a regulamentação da curricularização da extensão através do disposto na Meta 12.7, da Lei nº 13.005/2014, para o período 2014-2024 – Plano Nacional de Educação. (BRASIL, 2015)

3 METODOLOGIA

Este trabalho pretende discutir, comparativamente, os modelos de extensão identificados por Serna (2007); Tommasino e Cano (2016) e Menéndez (2017), nas Universidades latino-americanas, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre esses aspectos da extensão que ainda são pouco explorados.

Nesse sentido, Serna (2007) afirma que qualquer estudo sobre os modelos de extensão universitária torna-se difícil devido ao pouco trabalho teórico sobre essa área, sendo que as publicações enfocando o tema da extensão, em sua maioria, apresentam planos ou relatórios de atividades, oferta de serviços ou ponderação de resultados; ou seja, divulga-se os projetos de extensão sem discutir a natureza dos seus modelos. Serna enfatiza, ainda, a importância de se conhecer os modelos de extensão: “Consideramos, portanto, que era necessário identificar as formas de abordagem do trabalho de extensão, o que nos levou a separá-los em modelos” (SERNA, 2007, p.2).

Este trabalho fundamenta-se na pesquisa realizada na base de dados Redalyc, com o objetivo de coletar material para a identificação dos modelos de extensão adotados nas Universidades da América Latina. A referida pesquisa identificou, para o período entre 2002 e 2021, a publicação de 28 artigos que abordavam, especificamente, a análise sobre os modelos de extensão universitária, e que foram utilizados neste trabalho. A Redalyc foi implantada em 2002, com o objetivo de promover o acesso à literatura científica publicada em periódicos editados nos países da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal, contribuindo para sua internacionalização (LÓPEZ, 2021).

Após uma leitura exploratória dos referidos artigos identificou-se os tipos ideais de extensão encontrados por Arrillaga e Marioni (2015), bem como os modelos de extensão que são adotados nas universidades latino-americanas, conforme estudos de Serna (2007); Tommasino e Cano (2016) e Menéndez (2017). Procedeu-se, em seguida, um estudo comparativo com base na proposta de Quivy e Campenhoudt (1995), buscando convergências, complementaridades e divergências entre os referidos modelos de extensão, identificados pelo autores enfocados, e as dimensões do difusionismo, dialogismo e transferencismo, tendo como base também os marcos conceituais dos fóruns sobre a extensão universitária na América Latina.

4 TIPOS IDEAIS DE MODELOS DE EXTENSÃO

Há vários parâmetros para se entender as práticas extensionistas das Universidades. Neste trabalho, decidiu-se estudar os modelos de extensão considerando-se o que afirmou Serna (2004, 2007) para quem, um modelo de extensão seria o recurso metodológico de interpretação ou de explicação da realidade; ou ainda, uma teoria, cujos elementos relevantes e suas inter-relações são substituídos por representações isomórficas, com o objetivo de facilitar sua compreensão e pesquisa.

Arrillaga e Marioni (2015) identificaram três tipos ideais de modelos de extensão adotados nas Universidades: Modelo de extensão como difusão cultural; Modelo de extensão dinamizador de mudanças e do desenvolvimento social; além do Modelo de extensão como dinamizador do crescimento econômico. O primeiro modelo, que surgiu no século XIX, tinha o objetivo de disseminar a cultura acadêmica entre a população; o segundo modelo, que vigorou do final do século XIX, até a segunda guerra mundial, estava voltado à modernização da sociedade a partir do apoio do Estado. O modelo de extensão como dinamizador do crescimento econômico, perdeu de meados do século XX, até a década 1970; o referido modelo tem a função de aplicar os conhecimentos produzidos dentro das Universidades na produção de bens e serviços, sendo o mercado o principal destinatário através de parcerias com os organismos do Estado (LÓPEZ, 2005; ARRILLAGA e MARIONI, 2015).

5 MODELOS DE EXTENSÃO IDENTIFICADOS NAS UNIVERSIDADES DA AMÉRICA LATINA

Através de uma leitura exploratória e comparativa do material da pesquisa foi possível identificar os modelos de extensão praticados nas Universidade da América Latina, e que foram identificados por Serna (2004, 2007); Tommasino e Cano (2016); e Menéndez (2017). Os modelos de extensão identificados por Serna (2004, 2007) são: modelo Altruísta; modelo de Divulgação; modelo Conscientizador, e modelo de Vinculação empresarial. Tommasino e Cano (2016) identificaram os modelos: Difusionista-transferencista e o de modelo de Extensão crítica. Menéndez (2017), identificou o modelo de Divulgação cultural e científica; modelo de Promoção social e comunitária; o modelo de Extensão acadêmica; e o Serviços a terceiros e inovação e transferência de tecnologia.

5.1 OS MODELOS DE EXTENSÃO APRESENTADOS POR SERNA (2007) TÊM OS SEGUINTE CONTEÚDOS

5.1.1 Altruísta: Na origem da noção de extensão, acreditamos reconhecer a influência positivista. Essa representação prevaleceu durante as primeiras quatro décadas do século XX, e Revista Práxis: Saberes da Extensão, João Pessoa, vol. 10, n.21, p.12-30, dez. 2022.

promoveu a ação desinteressada e humanitária dos universitários em favor dos pobres e ignorantes (SERNA, 2007, p. 3).

5.1.2 Modelo de Divulgação: Essa noção de extensão se originou nos Estados Unidos tentando definir o procedimento pelo qual os avanços técnicos poderiam ser trazidos para a população que não tinha acesso a instituições de ensino de nível superior. Ele considera que a ciência e a cultura universitária devem ser “rebaixadas” para serem compreendidas pelo povo, utilizando a mídia de forma atrativa. “Este modelo de extensão é o dominante entre as instituições de ensino superior que produzem e promovem publicações, museus e exposições, conferências, cinema e atividades de grupos artísticos sob o critério de que realizem, em menor ou maior grau, “trabalhos de extensão” (SERNA, 2007, p. 03).

5.1.3 Modelo conscientizador: Emanado das ideias da esquerda latino-americana e enriquecido com o pensamento de Freire, considera o compartilhamento de bens, inclusive educacionais e culturais, de forma dialógica e libertadora, conscientizando os participantes deste ato educativo. Tomar consciência significa um despertar da consciência, uma mudança de mentalidade que implica compreender de forma realista e correta a própria localização na natureza e na sociedade; a capacidade de analisar criticamente suas causas e consequências e comparações com outras situações e possibilidades; e ação eficaz e transformadora (SERNA, 2007, p. 03).

5.1.3 Modelo de vinculação empresarial: Nesse modelo, as necessidades sociais são identificadas como análogas às das empresas e, conseqüentemente, os universitários devem ser formados para atender a essas necessidades. O relacionamento com as empresas começou a ser fomentador e lucrativo para as Universidades em meados dos anos de 1980. Pela primeira vez na história da Universidade no México, benefícios econômicos foram obtidos pelos serviços prestados. Esse modelo adota as práticas de cursos, consultorias, acordos de colaboração, financiamento de pesquisa e desenvolvimento tecnológico; intercâmbio de pessoal, orientação de carreira; geração de cursos de pós-graduação adaptados às necessidades do negócio; programas de educação continuada e fortalecimento acadêmico; incentivos à pesquisa, associação em novas empresas, incubadoras de empresas, financiamento corporativo com base em prêmios, bolsas e cátedras (SERNA, 2007).

5.2 MODELOS DE EXTENSÃO IDENTIFICADOS POR TOMMASINO E CANO (2016):

5.2.1 Modelo difusionista-transferencista: Esta concepção entende que os processos de desenvolvimento e superação das condições críticas da sociedade rural (pobreza, problemas relacionados à saúde, educação, alimentação, moradia) podem ser resolvidos se esses setores "atrasados" forem capazes de adotar novas ideias. Ou seja, se tornarem atores inovadores capazes de adotar, entre outras, aquelas tecnologias de insumos que modificam seus sistemas de produção. (TOMMASINO e CANO, 2016, p. 13)

5.2.2 O modelo de extensão crítica: A extensão crítica tem dois objetivos que se relacionam dialeticamente. A primeira está relacionada à formação de estudantes universitários e à possibilidade de estabelecer processos integrais que rompam com uma formação profissional que está longe de ser um critério de compromisso social dos graduados. A extensão concebida como um processo crítico e dialógico propõe transcender a formação exclusivamente técnica gerada pelas manufaturas “de profissionais” universitárias e alcançar processos formativos integrais que gerem universitários solidários e comprometidos com os processos de transformação das sociedades latino-americanas. Em segundo lugar, em sua dimensão política, essa perspectiva de extensão visa contribuir para os processos de organização e autonomia dos setores populares subalternos, procurando contribuir para a geração de processos de poder popular. Esses dois objetivos têm uma ligação dialética e orgânica. (...) “Um processo educativo, no sentido já assinalado, e também investigativo, que contribui para a produção de conhecimento novo a partir da vinculação crítica entre o saber acadêmico e o saber popular” (TOMMASINO e CANO, 2016, p. 15).

5.3 OS MODELOS DE EXTENSÃO QUE FORAM IDENTIFICADOS POR MENÉNDEZ (2017):

5.3.1 Divulgação cultural e científica: Este modelo valoriza a promoção de diferentes expressões artísticas e culturais; difusão massiva de conhecimento através de múltiplos meios possibilitados pelo uso de novas tecnologias; divulgação através dos meios de comunicação social; divulgação científica e atualização permanente; promoção de uma consciência crítica da sociedade em defesa de seus valores éticos e culturais; entre outros.

5.3.2 Promoção social e comunitária: Aqui se localiza o conceito de "função social da Universidade", cujo principal objetivo é o desenvolvimento comunitário e a promoção social.

O referido modelo estrutura um conjunto de programas, projetos e ações voltados para a autogestão participativa, organização comunitária e atenção aos diversos problemas relacionados à saúde, educação, habitação, alimentação, saneamento, trabalho, produção ao nível das micro e pequenas empresas, entre muitos outros aspectos.

5.3.3 Extensão acadêmica: Este modelo inclui múltiplas e diversas atividades de atualização e a formação dirigida a um universo de destinatários muito diversificado, como a formação contínua, cursos de formação, seminários e congressos de atualização acadêmica e científica; entre outros.

5.3.4 Serviços a terceiros e inovação e transferência de tecnologia: Através deste modelo de extensão a Universidade se manifesta como agente de inovação científica e técnica e como prestadora de serviços. Sem dúvida, esta é uma das linhas de extensão que conquistou mais espaço e desenvolvimento dentro das Universidades nos últimos vinte anos. (...) Esta linha de trabalho teve uma evolução marcada nas Universidades, passando da prestação de serviços e transferências de tecnologias específicas ou limitadas a uma ação permanente mais integrada com o Estado e os diferentes setores sociais e produtivos (MENÉNDEZ, 2017, p. 4).

6 ANÁLISE COMPARATIVA DOS MODELOS DE EXTENSÃO NOS CONTEXTOS DIFUSIONISTAS, DIALÓGICOS E TRANSFERENCISTAS

Adotou-se a metodologia de (QUIVY E CAMPENHOUDT, 1995) para realizar a referida análise comparativa entre os modelos de extensão identificados nas universidades da América Latina, considerando-se as dimensões de convergência, divergência e complementaridade, das dimensões difusionistas, dialógicas e transferencistas dos modelos de extensão identificados pelos autores enfocados neste trabalho.

Vale salientar que constatou-se uma evolução histórica dos referidos modelos de extensão que está atrelada aos processos de transformação das universidades ao longo do tempo, sendo que a essencialidade dos princípios da extensão universitária é a visão da democratização nas inter-relações sociais destas instituições com a sociedade, que é valorizada desde os seus primórdios, visando lograr a democratização do conhecimento. Desta forma, a essencialidade dos modelos de extensão identificados pelos referidos autores são o difusionismo, o dialogismo, e o transferencismo (SERNA, 2004, 2007; TOMMASINO E CANO, 2016; MENÉNDEZ, 2017).

6.1 Modelo de extensão: altruísta, de divulgação, conscientizador e de vinculação empresarial (SERNA, 2007).

Portanto, dos quatro modelos de extensão identificados por Serna (2007), o modelo altruísta e o de divulgação apresentam característica específica da área do difusionismo extensionista, cujos pressupostos são a atenção às carências imediatas da população vulnerável, numa perspectiva política assistencialista, bem como os princípios da divulgação da cultura acadêmica (SERNA, 2007). Os referidos modelos de extensão também se assemelham ao tipo ideal de extensão como difusão cultural (ARRILLAGA e MARIONI, 2015).

O modelo conscientizador, que surgiu das efervescências políticas e culturais da década de 1960/70, em universidades da América Latina, tendo influência das teorias educacionais de Paulo Freire, produzidas no mesmo período (2013; 2015), é um modelo de extensão de característica dialógica; estando identificado também com o tipo de extensão como dinamizador de mudanças e do desenvolvimento social (ARRILLAGA e MARIONI, 2015).

Por outro lado, o modelo de vinculação empresarial que surgiu mais recentemente, por volta dos anos de 1980, traz no seu âmago o interesse pela produção de recursos financeiros para as instituições, com uma característica explícita do transferencismo extensionista, que visa a vinculação da extensão aos interesses mercadológicos em contextos de políticas econômicas neoliberais; identificando-se com o tipo ideal de extensão como dinamizador do crescimento econômico.

6.2 Modelos de extensão: divulgação cultural e científica; promoção social e comunitária; extensão acadêmica; serviços a terceiros e inovação e transferência de tecnologia (MENÉNDEZ, 2017)

Os modelos de divulgação cultural e científica, o de promoção social e comunitária, bem como o de extensão acadêmica são modelos que também estão voltados à promoção do difusionismo da cultura acadêmica; sendo que o modelo de promoção social e comunitária teria funções mais assemelhadas ao dialogismo freiriano, devido às suas concepções e objetivos de conscientização e promoção do desenvolvimento comunitário e social através da autogestão participativa (MENÉNDEZ, 2017). Portanto, os referidos modelos de extensão também identificam-se com os tipos ideais de difusão cultura e o dinamizador de mudanças e do desenvolvimento social.

Já o modelo serviços a terceiros e inovação e transferência de tecnologia estaria totalmente identificado com os processos difusionistas e transferencista que ressaltam interesses de vinculação mercadológica das instituições. O referido modelo de extensão diverge das características dialógicas, identificando-se com o tipo ideal dinamizador do crescimento econômico (ARRILLAGA E MARIONI, 2015).

6.3 Modelos de extensão difusionista-transferencista e o modelo de extensão crítica (Tommasino e Cano, 2017).

Os dois modelos de extensão identificados por Tommasino e Cano (2016) tem características divergentes um do outro. O modelo difusionista-transferencista, como a própria expressão já traduz, está caracterizado como difusionismo acadêmico, assemelhando-se ao tipo ideal de difusão cultural. Conforme as concepções da extensão universitária adotadas por Serna (2004, 2007), Menéndez (2017) e Tommasino e Cano (2016), o modelo de extensão difusionista-transferencista diverge dos atributos da extensão dialógica, estando na mesma linha dos demais modelos difusionistas apresentados pelos demais autores, agregando os valores do transferencismo com objetivos financeiros (LÓPEZ, 2020).

Por outro lado, o modelo de extensão crítica, identificado por Tommasino e Cano (2016), surgiu nos contextos da influência dos movimentos políticos, sociais e estudantis da América Latina, dos últimos dois séculos, principalmente do movimento de Córdoba, em 1918, que defendia reformas para tornar a universidade popular. É um modelo fortemente identificado com os pressupostos da extensão dialógica freiriana, que propugna pela transformação social através da educação dialógica e libertadora em parceria com os diversos setores da sociedade civil, superando as situações de exclusão social e dominação cultural (TOMMASINO E CANO, 2016). O referido modelo estaria identificado com o tipo ideal de extensão dinamizador de mudanças e o desenvolvimento social.

7 Análise comparativa dos modelos de extensão dos três autores enfocados (SERNA, 2007; TOMMASINO E CANO, 2016; MENÉNDEZ, 2017)

Comparando-se as características de convergência dos modelos de extensão dos três autores, entende-se que os modelos de extensão altruísta e o de divulgação (SERNA, 2007); o modelo de divulgação cultural e científica, e o de extensão acadêmica (MENÉNDEZ, 2017); bem como o modelo difusionista-transferencista (TOMMASINO e CANO, 2016), apresentam características convergentes do difusionismo acadêmico.

Sendo que o modelo de extensão de divulgação cultural e científica, além das características difusionistas, teria a peculiaridade de apresentar características relacionadas com a promoção da conscientização para a cidadania, como um valor agregado ao difusionistas (MENÉNDEZ, 2016). No entanto, os referidos modelos têm em comum as dimensões convergentes da divulgação de ações acadêmicas e culturais através de técnicas de comunicação de massa, ou de formação de curta duração, conferências, palestras, eventos culturais e exposições, a Revista Práxis: Saberes da Extensão, João Pessoa, vol. 10, n.21, p.12-30, dez. 2022.

exemplo de criação de museus, festivais de danças e outros espetáculos. Essas iniciativas têm o objetivo de desenvolver a consciência crítica dos cidadãos que estão fora dos processos formais da educação superior, como um investimento da cultura acadêmica sobre a cultura popular, caracterizando-se, também, como ações assistencialistas (MENÉNDEZ, 2017).

Já os modelos de extensão conscientizador (SERNA, 2007); de promoção social e comunitária (MENÉNDEZ, 2017); e o modelo de extensão crítica (TOMMASINO e CANO, 2016) apresentam características que convergem para os pressupostos do dialogismo freiriano (FREIRE, 2013). São modelos de extensão que receberam influência dos movimentos sociais e políticos da sociedade e que estão fortemente comprometidos com a conscientização política e social dos segmentos sociais, valorizando a vinculação de saberes, além da democratização do conhecimento de forma verticalizada na sociedade.

Os modelos de extensão dialógica, identificados pelos autores enfocados tem como fundamento o compartilhamento de bens culturais de forma dialógica e libertadora, além do desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a necessidade de mudança de mentalidade e desenvolvimento da capacidade crítica para a transformação social; valores que estão identificados com a função social da universidade e com o desenvolvimento social de forma participativa (SERNA, 2007; TOMMASINO e CANO, 2016; MENÉNDEZ, 2017).

Desta forma, com base nas concepções dos referidos autores, o modelo de extensão crítica, identificado por Tommasino e Cano (2016), apresenta características mais amplas e comprometidas com os pressupostos da extensão dialógica, com base em Freire (2013), através das propostas de formação integral e nos processos de formação críticos e dialógicos para gerar profissionais solidários e comprometidos com a transformação social. O referido modelo crítico valoriza, também, a vinculação dialógica entre o conhecimento acadêmico e os saberes populares (TOMMASINO e CANO, 2016), concepção que não aparece de forma explícita nos enunciados dos outros modelos de extensão identificados pelos demais autores.

Os modelos de extensão difusionistas transferencistas, identificados pelos referidos autores, ou seja, o modelo de vinculação empresarial (SERNA, 2007) e o modelo de serviços a terceiros e inovação e transferência de tecnologia (MENÉNDEZ, 2017) são modelos de extensão que apresentam características totalmente divergentes dos pressupostos do extensionismo dialógico. O modelo de serviços a terceiros e inovação e transferência de tecnologia, que é mais recente, tendo surgido nos contextos dos processos neoliberais a partir dos anos de 1990, devido aos compromissos das universidades com outros setores públicos, e o setor produtivo empresarial, visando a produção de dividendos para as referidas instituições, assumiu um perfil específico

que o diferencia dos demais modelos de extensão, principalmente, daqueles com característica de envolvimento político-social com setores em situação de vulnerabilidade. No entanto, a base do referido modelo continua sendo as relações comunicacionais com a sociedade através do difusionismo dos valores da cultura acadêmica (MENÉNDEZ, 2017).

Diante dos contextos já enfatizados por Serna (2004, 2007), Menéndez (2017) e Tommasino e Cano (2016), os modelos que se referem às relações de vinculação empresarial (SERNA, 2007) e o de serviços a terceiros e inovação e transferência de tecnologia (Menéndez, 2017), que visam a vinculação institucional com base na mercantilização do difusionismo da cultura acadêmica, também estariam numa situação de distanciamento dos pressupostos da extensão dialógica, que se pautam pelo compromisso social das instituições e valorizam uma inter-relação de comunicação horizontalizada sustentados em dimensões políticas, sociais e culturais (SERNA, 2004; TOMMASINO e CANO, 2016; MENÉNDEZ, 2017, LÓPEZ, 2020).

Conforme os referidos pesquisadores, priorizar a vinculação empresarial como modelo de extensão representa uma mudança radical no paradigma que deu origem à extensão, com o protagonismo estudantil por uma universidade popular, revendo-se as bases do movimento de Córdoba. Desta forma, dar prioridade aos negócios empresariais na universidade é secundarizar o atendimento a grande parte da população que permanece na desesperança, na miséria e na violência; o que faz da Universidade cúmplice de um processo desumano e selvagem. Os modelos identificados por Serna (2004, 2007) apresentam características dos três tipos ideais da extensão universitária, conforme Arrillaga e Marioni (2015).

Vale salientar que, conforme a visão de Menéndez (2017) a opção por um modelo de extensão depende de uma gama de princípios e condições que envolvem interesses específicos das instituições de educação superior, a área de conhecimento da formação dos atores sociais e, em alguns casos, pressões externas às universidades, vindos das comunidades e de setores governamentais. Para o referido autor, as formas de envolvimento das universidades com a sociedade, através da extensão, são bastante diversificadas e complexas.

Desta forma, como análise comparativa final, com base nos critérios de Quivy e Campenhoudt (1995), foi possível identificar três modelos de extensão que tem dimensões representativas do difusionismo, do dialogismo e do transferencismo. Estes modelos são: modelo de extensão de divulgação cultural e científica (MENÉNDEZ, 2017), que apresenta todas as dimensões do difusionismo, agregando características de conscientização para a cidadania; modelo de extensão crítica (TOMMASINO e CANO, 2016), que além de compreender todas as características dialógicas dos demais modelos agrega as concepções da formação integral e da vinculação de

saberes; e o modelo de serviços a terceiros e inovação e transferência de tecnologia (MENÉNDEZ, 2017).

Conforme ressalta Menéndez (2017), o modelo de serviços a terceiros e inovação e transferência de tecnologia avançou, em vários países do mundo, a partir da possibilidade de promover uma série de benefícios às instituições universitárias, a exemplo da criação de centros de pesquisa, desenvolvimento da educação continuada, apoio financeiro para as transferências de tecnologia e inovação, além da prestação de serviços técnicos e tecnológicos (MENÉNDEZ, 2017).

Essa relação sustenta-se na mercantilização do conhecimento que geraria benefícios financeiros para as instituições de educação superior. No entanto, ao disseminar os seus conhecimentos para os setores estatais e produtivos, as universidades também estariam promovendo transformações sociais com uma vasta possibilidade de mudança social e melhoria da qualidade de vida (SERNA, 2007).

CONCLUSÃO

Conclui-se este trabalho, portanto, entendendo-se que o modelo de extensão crítica, identificado por Tommasino e Cano (2016) apresenta uma forte convergência e complementaridade com relação aos demais modelos de extensão que estão associados à ideia freiriana de extensão dialógica e aos marcos conceituais da extensão latino-americana, bem como à interação social das instituições com os processos de cidadania e desenvolvimento do seu entorno; estando, também, associado ao tipo ideal de extensão como dinamizador de mudanças e do desenvolvimento social (ARRILLAGA e MARIONI, 2015).

Já o modelo de extensão de divulgação cultural e científica (MENÉNDEZ, 2017) converge com os modelos associados ao difusionismo da cultura acadêmica, agregando o valor da conscientização dos cidadãos; convergindo, também, com o tipo ideal difusor cultural.

Por outro lado, o modelo de serviços a terceiros e inovação e transferência de tecnologia (MENÉNDEZ, 2017) converge e representa todos os demais modelos que se identificam com o transferencismo tecnológico com base na vinculação empresarial, conforme o tipo ideal de extensão dinamizador do crescimento econômico (ARRILLAGA e MARIONI, 2015),

Ressalte-se que os modelos de extensão praticados nas Universidades da América Latina identificam-se com os modelos vigentes nas instituições de educação superior brasileiras, já

que os conteúdos são similares, e que o modelo de extensão crítica é o mais valorizado no atual momento histórico das Universidades da América do Sul (TOMMASINO e CANO, 2016).

Como enfatizou Menéndez (2019) a essência da extensão é a comunicação, sendo que todo projeto de trabalho, nessa área, bem como as práticas de intervenção a elas associadas, devem ter a dimensão dialógica, de interação e construção mútua “que é, precisamente, a antítese da manipulação, imposição ou dominação” (p. 50). Essas práticas ou estratégias de relação com a sociedade, requerem um esforço crítico que considera cada indivíduo como sujeito responsável pelos processos de transformação da realidade.

A importância de se conhecer os modelos de extensão e seus compromissos históricos está na necessidade de ressignificá-los, sempre, adaptando-os aos seus compromissos políticos e sociais, em conformidade com as demandas da sociedade contemporânea. Através dos modelos de extensão, as instituições podem aprofundar os seus processos de articulação com outras instituições, com o Estado, e com a população, contribuindo para a consolidação das políticas públicas e da democracia, no sentido de promover o desenvolvimento humano, econômico e social (MENÉNDEZ, 2019). Conforme o referido pesquisador:

[...] esta relação também se propõe a partir de uma profunda necessidade institucional de favorecer as políticas de ensino acadêmico, de pesquisa e extensão, permitindo questionar conhecimento científico e gerar condições de diálogo com os saberes e saberes locais, de forma a alcançar o entrelaçamento mútuo e a aprendizagem recíproca que enriquecem a ciência e as comunidades (MENÉNDEZ, 2019, p. 57).

Desta forma, sugere-se a intensificação das pesquisas sobre os modelos de extensão no sentido de orientar as práticas extensionistas nas instituições de educação superior, no contexto latino-americana, principalmente no Brasil, com o objetivo de torná-las mais dialógicas, interativas e participativas, aprimorando o relacionamento das instituições com os setores demandantes de conhecimento e ações afirmativas; além de contribuir para que as universidades cumpram a sua responsabilidade social de forma inclusiva e democrática.

REFERÊNCIAS

ARRILLAGA, H.; MARIONI, L. La interacción de la universidad con su entorno y los modelos de contribución al desarrollo. **Ciencias Económicas**, n. 2, p. 19–41, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.14409/ce.v2i0.5461>. Acesso em: 12 de abr., 2022.

BRASIL. Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base. 2015. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Plano+Nacional+de+Educação+PNE+2014-2024++Linha+de+Base/> Acesso em: 12 de abr., 2022.

Revista Práxis: Saberes da Extensão, João Pessoa, vol. 10, n.21, p.12-30, dez. 2022.

COCHRAN, G. R.; FERRARI, T. M.; CHEN, C. Y. (2012). Trends Affecting Ohio State University Extension in the 21st Century and the Implications for Human Capital. **Journal of Agricultural Education**, v. 53, n.2, p. 43–57, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5032/jae.2012.02043>. Acesso em: 12 de abr. 2022.

D'ANDREA, R. E.; ZUBIRÍA, A.; VÁZQUEZ, P. Reseña histórica de la extensión universitaria. Secretaría de La Universidad Nacional Del Centro de La Provincia de Buenos Aires, 33, 3–8. 2012. Disponível em: <https://extension.unicen.edu.ar/jem/completas/188.pdf>. Acesso em: 12 de abri. 2022.

FERREIRA, F. E. A extensão universitária frente aos marcos legais. In. : Universidade Federal de Santa Catarina (Ed.), XIX Colóquio internacional de gestão universitária, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/201759/101_00062.pdf?sequence=1 Acesso em: 12 de abri. 2022.

LAMY, M. Uma nova definição de extensão universitária. I, I. D. Rodrigues, H. W.; Mezzaroba, O.; Motta (Ed.), XXII Encontro Nacional do CONPEDI, 2013, UNICURITIBA - Direito, Educação, Ensino e Metodologia Jurídicos. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=4c525a48acc0084b>. Acesso em: 12 de abri. 2022.

LÓPEZ, E. A. (2021). Redalyc: Una estrategia de comunicação científica regional. In PERUZZO, C. M. K.; MARTINS, M. L.; e GABRIOTI (Ed.), **Revistas Científicas de Comunicação Ibero-Americanas na Política de Divulgação do Conhecimento: Tendências, Limitações e os Desafios de Novas Estratégias** (U. Minho E), 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.43>. Acesso em: 12 de abri. 2022.

LÓPEZ, J. M. T. (2005). Universidad , Sociedad Y Empresa: Orientaciones Estratégicas de Extensión Universitaria. Revista Galego-Portugues de Psicoloxia e Educação, n. 12, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0741713607305945>. Acesso em: 12.04.2022.

LÓPEZ, M. L. Teoría y metodología de la extensión universitaria: el caso argentino. In +E: **Revista de Extensión Universitaria**. El Siku, Issues, 12. Ene-Jun, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.14409/extension.2020.12.ene-jun.9391> Acesso: em 12 de abri. 2022.

MENÉNDEZ, G. Desarrollo y concepção de la extensión universitaria - Un aporte de la Secretaría de Extensión de la Universidad Nacional del Litoral para al análisis y debate acerca de la Extensión Universitaria, 2017. Disponível em: https://www.accionsocial.ucr.ac.cr/sites/default/files/documentos/conceptualizacion_menendez.pdf Acesso em 12 de abri. 2022.

MENÉNDEZ, G. (2019). La dimensión comunicacional de la extensión universitaria. p. 1–11, 2019. Disponível em: https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar:8443/bitstream/handle/11185/1220/extension_interior_pag_47_57.pdf Acessado em. Acesso em: 12 de abri. 2022.

NOGUEIRA, M. D. P. Apertura: Las posibilidades de la extensión universitaria en las descolonización del pensamiento en las universidades latinoamericanas. In ETCHEBEHERE, Revista Práxis: Saberes da Extensão, João Pessoa, vol. 10, n.21, p.12-30, dez. 2022.

C.; FERRIGNO, F.; RUBIO, E.; e ZAPATA (Ed.), *Ciencias Sociales y Extensión Universitaria: aportes para el debate*, 2020. Disponível em: <https://www.colibri.udelar.edu.uy/jspui/handle/20.500.12008/27049>. Acesso em: 12 de abri. 2022.

ORTIZ-RIAGA, M. C.; MORALES-RUBIANO, M. E. La extensión universitaria en América Latina: concepciones y tendencias. *Educación y Educadores*. v.14, n.2, p. 349–366, 2011. Disponível em: <http://educacionyeducadores.unisabana.edu.co/index.php/eye/article/view/1928>. Acesso em 12 de abri. 2022.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Ed. G. Valente, 1995.

SERNA, G. (2007). Misión social y modelos de extensión universitaria: del entusiasmo al desdén. **Revista Iberoamericana de Educación**. v. 43, n. 3, p. 1–7, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.35362/rie4332324>. Acesso em: 12 de abri. 2022.

SERRANO, R. M. S. M. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. In.: **Grupo de Pesquisa em Extensão Popular**., v. 13, n. 8, p. 01–15, 2013. Disponível em: https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/1_Universidade_e_Sociedade/US_13_Texto_1_Serrano_Conceitos_de_extensao_universitaria.pdf. Acesso em: 12 de abri. 2022.

TOMMASINO, H., CANO, A. Modelos de extensión universitaria en las universidades latinoamericanas en el siglo XXI: tendencias y controversias. *Universidades*, v. 67, n. 67, p. 7–24, 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37344015003>. Acesso em: 12 de abr. 2022.

VALLEJOS, Oscar R. Universidad-empresa: un estudio histórico-político de la conformación del CETRI Litoral. **Revista iberoamericana de ciencia tecnología y sociedad**, 2010, v. 6, n. 16: p. 123-152. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=92418416007>. Acesso em: 12 de abr. 2022.

Data de submissão: 15/04/22

Data de aprovação: 07/12/2022